

Meio ambiente

Os números da Amazônia

MAURO ANTONIO MORAES VICTOR

A Folha prestou inestimável serviço à nação ao discutir "Os números da Amazônia". Oportuno analisar o que eles encerram.

Já se pode saber quanto perde a nação com a destruição dos seus bosques tropicais; sabe-se também que as queimadas se repetirão, quando setembro chegar, justamente quando parte do país estará comemorando sua "festa anual das árvores" ou "semana-florestal", como diz a lei.

Basta uma leitura atenta do discurso oficial.

O programa "Nossa Natureza", primeira versão, trazia uma revelação transcendental: "...após análises exaustivas realizadas por técnicos do próprio governo federal", comprovou-se o "(...) incremento anual da prática de queimadas com perdas estimadas em US\$ 40 bilhões de material lenhoso". Leia-se madeira comercial, ou seja, o valor direto ou "tangível" da destruição.

O Instituto Mundial de Recursos estima em US\$ 1,7 trilhão o valor da reserva madeireira da Amazônia, e é exatamente parcela disso que está virando cinzas.

O programa "Nossa Natureza", versão definitiva, faz uma revelação mais aterradora sobre a situação: "...além disso é preciso levar em conta que, de acordo com estudos internacionais, os prejuízos ambientais podem ser

até 20 vezes superiores aos materiais".

Este o valor indireto ou "não tangível" dos ecossistemas florestais. Hoje está consagrado o princípio de que há um custo intrínseco para se recuperar um ambiente destruído, para se revitalizar os elementos da cadeia de vida que sofreram distúrbios em níveis distintos.

Corretíssimo, portanto, o técnico do governo quando diz que algo mais que madeira está sendo destruído na região amazônica e que é necessário aplicar um fator multiplicador 20 para avaliar a destruição na sua real dimensão.

Agora, cruzando-se os números das duas versões, chega-se a um custo da destruição anual da cobertura florestal, computados "danos tangíveis" e "não tangíveis", de US\$ 800 bilhões (US\$ 40 x 20). Exatos US\$ 800 bilhões/ano é quanto a aventura amazônica está custando ao país. Sem contar o contrabando de minérios sabidamente relevante.

Mas esta tragédia moderna não pára aí. Existe um terceiro ato.

Em patético depoimento à Folha, o sr. César Mesquita, presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama), declarou lealmente que apesar da vontade política do governo, os incêndios deverão se repetir com a mesma intensidade dos anos anteriores...

Em outras palavras, as "brasi-

leiras e brasileiros" assistirão a reserva da nação ser mais uma vez dessangrada, descapitalizada em US\$ 800 bilhões. O cinturão de fogo de mais de 3 mil km, que se estende do Acre a Roraima, arderá uma vez mais, estrangulando o coração da Amazônia.

O sr. Mesquita falou claramente que não tem recursos para uma ação moralizadora e com cinco helicópteros e homens faria baixar o nível das queimadas. Infelizmente não possui sequer um helicóptero... Ademais, alguns governadores da Amazônia são insensíveis ao problema. A única saída era buscar recursos no exterior.

O sr. Mesquita não falou da tragédia humana, cultural, dos "povos da floresta", já que a Anistia Internacional denuncia mais de mil siringueiros e posseiros mortos por conflitos de terra nesta década, e milhares de brasileiros buscando refúgio nos países vizinhos, pelos mesmos motivos. Prossegue o genocídio indígena.

Também não explicou o sr. Mesquita que foi o próprio governo (do arbítrio e da Nova República, pois o governo Sarney é o campeão das queimadas), que estimulou este modelo predatório de ocupação do espaço amazônico de corte pré-feudal, irrigando com recursos pródigos os latifúndios incendiários; o último relatô-

rio do Banco Mundial revela dados oficiais que o governo preferiu até pouco ocultar: dos 950 projetos agropecuários contemplados com US\$ 700 milhões, até 1985 menos de 10% se encontravam em situação regular.

Não falou, e talvez não saiba, o sr. Fernando Cesar Mesquita, que o processo destrutivo tem uma dinâmica tal que a correção de rumos precisará mais do que vontade política ou recursos para helicópteros e homens. Precisarão do envolvimento do conjunto da sociedade.

Somente extinguindo este incêndio nacional, que mais do que tudo devora a alma da nação, o país recuperará a dignidade perante si próprio e a comunidade internacional.

Caso contrário, quando setembro chegar, o clarão das queimadas nos céus da Amazônia — agora gloriosamente reconhecida como patrimônio nacional — fará empalidecer o brilho do Cruzeiro do Sul. Será setembro e estaremos celebrando a "festa anual das árvores", num país mais pobre sob o prisma ambiental, econômico e cultural, onde a vida se apaga pouco a pouco.

MAURO ANTONIO MORAES VICTOR, 50, engenheiro agrônomo, é especializado em ciências florestais pelo USP e pós-graduado em planejamento do uso do solo em Wageningen (Holanda). Assessorou a FAO das Nações Unidas e o Mercado Comum Europeu em projetos de desenvolvimento na América Central e Caribe e é vinculado à "SOS Mata Atlântica" e "Oikos — União dos Defensores da Terra".